

COLEÇÃO FILOSOFIA E TRADIÇÃO

ESTUDOS CLÁSSICOS

IV

PERCURSOS

GABRIELE CORNELLI
LUCIANO COUTINHO

Capítulo 20

300 belos e milhares de feios: uma análise da representação de gregos e persas

300 handsomes and thousands hideouses: an analysis of the impersonation of Greeks and Persians

Camila Maia²⁹¹

Maria Cecília Coelho²⁹²

Resumo: Este trabalho abordará a construção da imagem das civilizações grega e persa no filme *300* (2007), de Zack Snyder, e na *graphic novel 300 de Esparta* (1999), de Frank Miller. Para alcançar tal intento, serão analisados comparativamente aspectos dos quadrinhos e do filme, tanto em termos textuais quanto em termos imagéticos, em cotejo, em certos momentos, com as *Histórias* de Heródoto e outros referenciais teóricos. Pretende-se analisar, neste trabalho, os conceitos e os estereótipos construídos a partir de uma representação dicotômica de Oriente e Ocidente, na qual os persas são representados como inferiores em termos sociais, políticos, culturais e estéticos em relação aos gregos. Tal conceituação estereotipada ganhou aceitação do grande público e, por isso, é difundida e reafirmada pelos meios de comunicação de massa. Busca-se, ainda, mostrar que tal divisão não procede e que orientais e ocidentais têm mais pontos em comum e compartilharam muito mais aprendizado do que se supõe atualmente.

Palavras-chave: Grécia; Pérsia; 300; Heródoto; Representação.

Abstract: This research will consider the construction of Greek and Persian civilization image in the movie *300* (2007), by Zack Snyder and in the Graphic Novel *300* (1999), by Frank Miller. To achieve such intent, aspects of comic and movie, thus in textual terms textual as in image terms, will be analyzed comparing it in some moments with the *Histories*, by Herodotus, and others theoretical frames. This research intend to analyze concepts and stereotypes builded from dichotomous representation of Orient and Ocident, which the Persians are represented as inferior in social, political, cultural and aesthetic expressions in relation to Greeks. Such stereotyped concept gained

291 Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB) e especialista em Estudos Clássicos também pela UnB. Atualmente, cursa Letras Português na UnB e é estudante pós-graduação em Revisão de Textos na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Contato: <camilanmaia@gmail.com>.

292 Professora adjunta no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de Filosofia Antiga. Pós-doutora pelo Núcleo de Estudos Antigos e Medievais, UFMG.

acceptation of big public and, therefore, it is widespread and reaffirmed by the mass media. With this article we still seek to show that such division doesn't proceed and that East and West have more in common and shared learning much more than is assumed nowadays.

Keywords: Greece; Persia; 300; Herodotus; impersonation.

Introdução

Este trabalho buscará analisar como se deu a representação imagética de persas e gregos no filme e na história em quadrinhos *300* e verificar se a importância do Oriente para a cultura Ocidental nesses objetos é posta de lado, como comumente ocorre.

No ensino fundamental e médio e, em casos mais extremos, até no ensino superior, a história formalmente ensinada apresenta uma visão um tanto parcial e que tende a favorecer a parte ocidental do globo. Na escola, a chamada “História Geral” é, em grande parte, a história da civilização ocidental, salpicada por alguns feitos vindos do oriente. É-nos ensinado que a democracia, a política, a filosofia e a arte só existem tais quais as conhecemos por causa da Grécia, o berço da civilização ocidental.

No entanto, os gregos parecem ter bebido em abundância das fontes do Oriente, mesmo antes da expansão territorial promovida por Alexandre, o grande, entre os anos 336 a.C. e 323 a.C. O surgimento da própria Grécia é, em grande medida, fruto de interações com o Oriente, como ressalta Funari:

Durante os séculos que se seguiram às invasões dórias, nascia lentamente, sobretudo na Grécia da Ásia – da mistura de contribuições creto-micênicas, indoeuropeias e orientais –, a civilização grega propriamente dita, chamada clássica. Ela não surgiu como um milagre e sim como herdeira dos avanços e conhecimentos aprendidos e adaptados de outras civilizações [...] (FUNARI *apud* FERNANDES, 2012, p. 7).

Mesmo após o amadurecimento da civilização grega, os movimentos de troca, com mais ou menos intensidade, continuaram a acontecer, ou seja, o mundo grego não apenas contribuiu para a formação cultural dos povos orientais, mas também assimilou muito de sua cultura. De acordo com Funari, essa visão já era aceita na própria Antiguidade, apesar de não ser tão difundida atualmente:

Por muito tempo, os estudiosos da Grécia consideraram que as primeiras civilizações gregas nada deviam ao Oriente. Hoje, esta afirmação é muito questionada, pois muitíssimo da cultura grega veio das civilizações orientais. As escritas de lá vieram, assim como divindades e costumes. Já na própria Antiguidade, Heródoto, o ‘pai da História’, dizia isso, mas só recentemente suas ideias foram revalorizadas pelos estudiosos (FUNARI *apud* FERNANDES, 2012, p. 1).

Se mesmo na época de Heródoto, apesar das diferenças em termos culturais e políticos, se reconhecia a importância do Oriente para o mundo Ocidental, por que hoje há tanta dificuldade em se assimilar tal situação? Por que o oriental, especialmente quando relacionado ao Islã, é visto, frequentemente, como o inimigo, como o outro? Por que ainda é preciso estabelecer fronteiras entre Ocidente e Oriente, atribuindo-se, sempre, uma superioridade cultural do primeiro em relação ao segundo?

Pode parecer contraditório, mas o próprio Heródoto contribuiu para isso, como menciona Werner:

A polarização grego x bárbaro acentua-se no início do século V com a expansão do império persa rumo à Grécia. [...] Com isso, em uma série de discursos, como os historiográficos, dos quais um exemplo são as *Histórias*, de Heródoto, o perigo oriental passa a ser pintado com as tintas de tudo aquilo que supostamente não seria grego (WERNER, 2004, p. xiii).

Isso parece ocorrer também porque a divisão entre Ocidente e Oriente não é apenas geográfica.

Oriente (fundamentalmente, a Ásia) é também um conceito ideológico-cultural; trata-se de uma representação que o Ocidente faz de um 'outro' que lhe tem sido estranho desde remota antiguidade, mas que necessita de um reconhecimento como realidade passível de ser conhecida, e não apenas antagonizada ou explorada (como de fato tem ocorrido ao longo de séculos (FERNANDES, 2012, p. 1).

Assim, o oriental incorpora para nós tudo aquilo com o qual não nos identificamos. Por tal razão, sem nos darmos conta de que isso é uma fábrica de preconceitos, relacionamos, automaticamente, o estrangeiro, o exótico, o inusitado, o incomum, o fantástico, o feio etc. ao Oriente, sendo a TV e o cinema dois ótimos perpetuadores dessa visão, especialmente por alcançarem as massas que, muitas vezes, não conseguem problematizar as informações que chegam até elas por meio de tais mídias. Walter Benjamin já nos alertava sobre o papel negativo que o cinema pode adquirir em relação ao nosso modo de ver o passado:

Sua função social não é concebível, mesmo em seus traços mais positivos, e precisamente neles, sem seu lado destrutivo e catártico: a liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura. Esse fenômeno é especialmente tangível nos grandes filmes históricos, de Cleópatra e Ben Hur até Frederico, o Grande e Napoleão. E quando Abel Gance, em 1927, proclamou com entusiasmo: 'Shakespeare, Rembrandt, Beethoven, farão cinema [...] Todas as lendas, todas as mitologias e todos os mitos todos os fundadores de novas religiões, sim, todas as religiões [...] aguardam sua ressurreição luminosa, e os heróis se acotovelam às nossas portas' ele nos convida, sem o saber talvez, para essa grande liquidação (BENJAMIN, 1955, p. 4).

Exemplo da maneira como o Oriente é frequentemente tratado em nossos meios de comunicação é o filme *300* (2007), dirigido e co-roteirizado por Zack Snyder.²⁹³ A produção cinematográfica é uma

293 Zack Snyder também é diretor de outros filmes de sucesso como 'Madrugada dos mortos' (2004) e 'Watchmen' (2009). O primeiro, um remake da versão homônima de 1978, dirigida por George A. Romero, é um dos poucos filmes de zumbis que ar-

adaptação da *Graphic Novel* homônima, criada em 1999 por Frank Miller e Lynn Varley, e relata a Batalha das Termópilas, embate entre milhares de persas e, como sugerem os títulos das referidas obras, 300 espartanos.



Imagem 1. Cenas do filme de Snyder e da HQ de Miller: a estética dos quadrinhos recriada para o cinema.

A fonte basilar de tais produções é *História*, de Heródoto. A narrativa é motivada

pelo principal evento histórico do século V a.C.: as Guerras Médicas. Este conflito que indispôs gregos e persas imprimiu profundas marcas na memória helênica, sendo a origem de posteriores e significativas transformações no mundo grego. Foi a partir das Guerras Médicas que Atenas firmou sua soberania, tornando-se a referência artística, cultural e intelectual do Mediterrâneo. A título de curiosidade, estamos falando da primeira peleja histórica, registrada, entre Ocidente e Oriente, fundamental tanto para a formação de uma identidade cultural grega quanto ocidental (AZEVEDO; MOTA, 2008, p. 5).

recadaram mais de U\$ 100 milhões em bilheterias internacionais. Foi com esse filme que Snyder estreou como diretor de cinema. O segundo é também baseado em uma história em quadrinhos, 'Watchmen', de Alan Moore e Dave Gibbons. A qualidade de adaptação de '300' foi um dos motivos que levou a Warner a convidar Snyder para dirigir 'Watchmen', considerado, por muitos críticos, a melhor adaptação de quadrinhos já feita.

Tamanho foi a importância de sua obra que Heródoto recebeu a alcunha de “pai da história” e, se de fato o encararmos assim, veremos que as adaptações da Batalha das Termópilas devem muito à realidade. *História*, logo de cara, desmente o quantitativo de gregos que participaram do confronto. De acordo com Heródoto, o contingente da Grécia nas Termópilas seria de

trezentos hoplitas espartanos, mil tegeatas e mantineus (meio a meio), cento e vinte orcomênios da Arcádia e mil homens do resto da Arcádia; além desses arcádios estavam lá quatrocentos coríntios, duzentos fliúntios e oitenta micênios; esse era o componente do Peloponeso, e da Boiotia havia setecentos téspios e quatrocentos tebanos (HERÓDOTO, 1985, p. 397).

Evidentemente, por se tratarem de obras de ficção, não se espera extrema fidelidade do filme e da história em quadrinhos que relatam a Batalha das Termópilas à realidade, mesmo porque tampouco se sabe até que ponto os relatos de Heródoto são fiéis aos eventos históricos. Entretanto, a exacerbada distinção entre gregos e persas no filme *300* despertou, na época de seu lançamento, duras críticas, especialmente de autoridades do Irã, país herdeiro da antiga Pérsia. A embaixada iraniana no Brasil, por exemplo, divulgou uma nota na qual, entre outras coisas, afirmava que “o enredo do filme é fruto fictício da imaginação do autor e não tem qualquer fundamento histórico. O filme é cheio de distorções da história e da posição relevante na história da civilização da antiga Pérsia” (MONIWA, s.d.).

De fato, *300* representa os persas como um povo exótico e desorganizado, com seres bestiais e submisso aos desmandos de um rei excêntrico. Já a Grécia, é representada através da “imagem de uma Esparta forte, hegemônica e honrada, que se vê obrigada a lutar com bárbaros para garantir a liberdade” (MONIWA, s.d.). É, justamente, essa dicotômica representação imagética, tanto física quanto psicológica, que este trabalho pretende analisar.

Para tornar a leitura mais fluida, o presente artigo será dividido em alguns subtópicos. Em “Gregos e persas: nós e os outros” se falará a respeito das diferenças entre as civilizações grega e persa; em “O poder do chicote” se tratará do papel desse objeto como elemento distintivo entre as formas de governar dos dois povos tratados; em “Eu sou bonito, você é feio” busca-se analisar a representação estética de gregos e persas nos quadrinhos e no filme; e em “Nem só de dicotomias vive o homem” pretende-se ressaltar que os valores apresentados em *300* como característicos da civilização grega não são tão incontestáveis como parecem.

Gregos e persas: nós e os outros

O filme *300* reconta uma história que já havia sido contada duas outras vezes e, em todos os casos, pelo lado ocidental da história. A cada adaptação, novos elementos foram inseridos, muito provavelmente para adequar a narrativa à linguagem das mídias utilizadas e ao gosto do público-alvo.

A base de tudo está no Livro VII, de *História*, intitulado *Poímnia*. Nesse trecho da obra de Heródoto, encontramos uma descrição detalhada do comportamento e das características do rei persa Xerxes e de suas tropas. Tais descrições, apesar de ressaltarem diferenças entre gregos e persas, em momento algum apresentam juízos de valor em relação à aparência física, como farão as adaptações posteriores.²⁹⁴ A narração de Heródoto opta por chamar atenção para a “superioridade” grega não em termos físicos, mas em termos políticos. Os esparta-

294 Nesse caso, não me refiro ao filme “Os 300 de Esparta”, de 1962. Apesar disso, tal adaptação também parece tender para o lado grego, pois, conforme crítica presente em <<http://filmow.com/os-300-de-esparta-t1668/>>, “perfeitamente sintonizado com o ‘espírito’ da Guerra Fria vigente à época, o filme faz o elogio da liberdade dos espartanos em luta contra o império escravocrata persa, omitindo que Esparta era uma oligarquia que escravizava os Hilotas [...]”.

nos são os melhores guerreiros não por sua beleza ou sua força, mas porque a lei assim os manda.

os lacedemônios não são inferiores a homem algum em combate singular, e juntos eles são os mais valentes de todos os homens. De fato, sendo livres eles não são livres em tudo; eles têm um déspota – a lei – mais respeitado pelos lacedemônios que tu por teus súditos; eles cumprirão com certeza todas as suas ordens, e suas ordens são sempre as mesmas: não fugir do campo de batalha diante de qualquer número de inimigos, mas permanecer firmes em seus postos e nele vencer ou morrer (HERÓDOTO, 1985, p. 368).

Esta afirmação, proferida por Demáratos, que apesar de grego lutava ao lado de Xerxes, ressalta uma distinção entre gregos e persas que, ainda hoje, é vista como uma profunda diferença entre ocidente e oriente: o respeito não a um poder autoritário, mas a um poder legitimado – a lei.

As diferenças políticas foram, e ainda são, uma das dicotomias mais ressaltadas entre gregos e bárbaros, e a existência da própria distinção entre esses termos aponta para uma polarização. Ambos

formam um par: com efeito, em Homero não há bárbaros, mas não há também gregos e, conseqüentemente, a afirmação de uns como gregos está ligada à constituição dos outros como bárbaros. [...] É com as Guerras Médicas, pode-se pensar, que o par se constitui e passa a integrar o saber compartilhado, vindo o bárbaro a significar particularmente o persa. Ou ainda, persa é o sentido simbólico de bárbaro: o bárbaro é o persa. Indiscutivelmente, essa equivalência simbólica tem um papel nas *Histórias*, mesmo se numerosos bárbaros não são persas. Contudo, a narrativa a desenvolve e enriquece segundo um processo que se pode esquematizar assim: persa e bárbaro equivalem-se simbolicamente; ora, os persas obedecem a um rei [...], portanto, os bárbaros conhecem o poder real ou, mais precisamente, há uma ligação entre barbárie e realeza, já que, entre os bárbaros, o modo normal de exercício do poder tende a ser a realeza [...] (HARTOG, 1998, p. 326-327).

Ou seja, grande parte da diferença entre gregos e bárbaros e, conseqüentemente, entre gregos e persas está na forma como o poder é exercido. Esse aspecto, presente na obra de Heródoto, também consta das adaptações modernas da Batalha das Termópilas e os aspectos visuais são fundamentais para essa diferenciação.

O primeiro elemento a ser destacado no que se refere a essa construção é a indumentária do grande rei Xerxes. Os efeitos especiais utilizados no filme, procurando alcançar uma estética bem próxima à dos quadrinhos de Miller, fizeram do soberano persa (Rodrigo Santoro) um gigante dourado.



Imagem 2. O Xerxes dos quadrinhos



Imagem 3. O Xerxes dos cinemas.

Seus adereços corporais de ouro, sua voz robótica, o carro que o leva de um lugar para outro repleto de ornamentos, o modo como se comporta etc. são formas de demonstrar sua superioridade e sua diferenciação em relação a seus súditos. É claro, em toda a construção, reforça-se quem manda e quem deve obedecer. A palavra de ordem no reinado de Xerxes é a tirania. E quando monarquia se mistura a tirania

tem como fruto a *hýbris*, sendo a personagem do tirano nada mais que inveja, que se nutre a si mesma sem jamais saciar-se. Além do mais, o *despótes* é a presa do desejo (éros): desejo sexual e desejo do poder, amor ilegítimo e amor do poder. No conjunto das *Histórias*, o termo éros aplica-se apenas aos reis e aos tiranos: apenas eles experimentam esse desejo excessivo (HARTOG, 1998, p. 332-333).

E Xerxes, em sua representação cinematográfica e dos quadri-nhos, é a personificação dos excessos. A visão de Xerxes como alguém com desejos, digamos assim, megalomaniacos também era difundida em sua época. A peça *Os Persas*, de Ésquilo, por exemplo, levanta a questão de Xerxes como alguém que saiu derrotado por não conhecer os próprios limites. O trecho seguinte, proferido pelo fantasma de Dário, pai de Xerxes, exemplifica bem tal situação:

Ah, como breve se cumpriram os oráculos. Por meu filho cumpriu Zeus suas ameaças. Eu esperava que os deuses tardassem; mas quando alguém, por si próprio corra a precipitar sua perda, os céus nisso o consentem. Entrevejo agora males, cuja fonte a louca audácia de meu insensato filho abriu. Quis ele como a escravo agrilhoar o sagrado mar de Heles, o Bósforo destinado a correr livremente. Desnaturou-lhe o curso e, prendendo-o em peias forjadas pelo malho, forçou a dar ampla passagem a seu enorme exército. Simples mortal, julgou-se, que loucura, que delírio, superar a Poseidon e todos os deuses. Temo que os tesouros que em meu reinado acumulei, em breve se transformem em presa do primeiro pilhante (ÉSQUILO, 2013, p. 17).

Alguns podem levantar o questionamento de que em Esparta também havia reis. Nesse sentido, é possível perceber em *História*, certa aproximação entre os reis espartanos e os bárbaros, o que representaria um verdadeiro problema para os demais gregos. Contudo, há uma forma de salvação: a conduta de cada rei de Esparta.

[...] todo rei, a partir do simples fato de que é rei, corre o risco de tornar-se despótico e bárbaro. Entre a cidade e os outros (e Esparta é uma cidade, mas tem reis), a separação principal encontra-se na forma de exercício do poder, sendo um dos efeitos das *Histórias* traduzir essa separação (HARTOG, 1998, p. 340).

Assim, a tábua de salvação para Leônidas (Gerard Butler) parece ter sido o modo como ele exerceu seu poder, buscando, ao contrário do rei Xerxes, o equilíbrio.



Imagem 4. Os reis Leônidas e Xerxes em cena do filme 300: equilíbrio e excesso em contraposição.

Leônidas não procura se diferenciar de seus homens. Apesar de rei, ele é, antes de tudo e assim como os outros, um espartano e seu objetivo principal não é ostentar riqueza ou poder, mas defender sua cidade, como manda a lei.



Imagem 5. Leônidas à frente de alguns de seus homens: nada o diferencia dos demais.

O poder do chicote

As diferentes formas de exercício do poder em *300* ganham contornos nítidos em um objeto em especial: o chicote. Para Xerxes, ele é o símbolo de seu poder. Para os gregos, é a prova de que os persas são uma legião de escravos.

[...] o exército persa marcha sob o chicote e eles julgam que não se pode fazer nada de bom sem ele [...]. Para Xerxes, com efeito, os gregos, não estando submetidos ao chicote, não têm chance alguma de serem valentes, ao contrário dos persas que, sob os golpes de chicote, são obrigados a mostrarem-se mais valentes do que são (HARTOG, 1998, p. 334-336).

Tal ponto é fundamental para a diferenciação entre gregos e persas. Os primeiros lutam porque são livres; os segundos, porque são obrigados. Tal contraposição é retomada em diversos instantes para mostrar que os gregos seriam mais evoluídos que os persas. Tanto no filme quanto nos quadrinhos há trechos em que essa distinção é tratada não apenas imageticamente, mas também textualmente, como no discurso do narrador da história, Dílios (David Wenham), aos espartanos: “[...] uma besta se aproxima. Paciente e confiante saboreando a refeição que está por vir. Mas esta besta é feita de homens e cavalos,

espadas e lanças. Um exército de escravos, de proporções inimagináveis, preparado para devorar a frágil Grécia. Preparado para suprimir a única esperança de razão e justiça para o mundo”.



Imagem 6. Cinema e quadrinhos: duas linguagens, as mesmas palavras.

A contraposição entre a ideia de liberdade e escravidão como formas de representar as civilizações ocidental e oriental, respectivamente, também aparece de forma clara na cena em que um emissário persa encontra um soldado espartano e, ao tentar chicoteá-lo, tem seu braço cortado por ele. O soldado também diz a seguinte frase: “Vá agora. Corra e diga a Xerxes que ele enfrenta homens livres e não escravos”.

O importante papel do chicote na descrição dos persas também está presente em Heródoto. Talvez a cena mais digna de nota seja o momento em que o rei persa, irritado com a agitação do Helésponto, que atrapalha seus planos, manda chicotear o mar. Apesar de não fazer parte do filme ou da *Graphic Novel*, essa narrativa ajuda a corroborar a imagem de um Xerxes déspota, que não aceita que nem mesmo a natureza vá de encontro a seus interesses. Posteriormente, com medo da má sorte que tal atitude possa trazer, Xerxes manda fazer oferendas e libações ao Helésponto.

Eu sou bonito, você é feio

A diferenciação entre gregos e persas se torna explícita também na aparência física. Enquanto entre os gregos predomina o equilíbrio, o mundo persa é rodeado por desregramentos.

Um dos mais claros contrastes entre as representações de gregos e persas no filme *300* está na figura dos reis e não somente no que tange à aplicação do poder. Xerxes é representado no filme como um deus andrógino, de voz robótica, sem pelos, repleto de *piercings* e que usa somente uma sunga dourada como vestimenta. Leônidas, ao contrário, possui um porte atlético, simétrico e proporcional. Nada em Leônidas é exagero. Além disso, o físico de Leônidas é muito próximo ao físico dos homens que são símbolos de beleza atualmente e muito distante do que provavelmente teve o Leônidas da vida real, já que a rotina e a dieta de espartanos à época da guerra não permitiria um volume muscular tão elevado.

Para encarnar o rei espartano, Gerard Butler – assim como os demais atores que representaram as tropas gregas – passou por uma rotina de treinos físicos e dieta. Foram usados, também, efeitos especiais para aumentar a definição dos corpos, o que serviu, ainda, para aproximar a estética do filme à dos quadrinhos.

Ou seja, os recursos especiais, a maquiagem e o figurino foram utilizados para representar uma Pérsia exagerada, desproporcional e uma Grécia incorporadora dos ideais de proporcionalidade e beleza. Não é à toa que, apesar de o filme ser extremamente violento, os 300 corpos “sarados” e seminus levaram diversas mulheres às salas de cinema e induziram grupos de homens a entrar para o “Projeto 300”. Segundo descrição do próprio site, o Projeto 300 é uma forma de descobrir o que alimentação adequada, treinamento e força de vontade podem trazer.

A escolha de Rodrigo Santoro para o papel de Xerxes também é reveladora. Apesar de ser considerado um homem bonito, o trabalho de caracterização do filme, que contribuiu para embelezar Butler, fez o oposto com Santoro. Além disso, a escolha de um ator estrangeiro, vindo de um país sul-americano, e pouco conhecido do grande público dos Estados Unidos ajudou a reforçar a ideia de um Xerxes estranho, desconhecido – um Xerxes com o qual o público não possui identidade.

Outra representação significativa da dicotomia entre belo e feio está em Elpiates, personagem que, apesar de ser espartano, apresenta deformidades físicas. Ele, após não ser aceito como soldado pelo rei Leônidas, decide trair sua pátria e contar ao rei persa como emboscar a tropa de Esparta. O único espartano feio da trama é também alguém que traiu seus compatriotas por não ter tido seu desejo realizado por Leônidas. O defeito físico vem acompanhado do defeito moral.



Imagem 7. Elpiates em cena de 300: o defeito físico o torna aliado dos persas.

Apesar de não ser essencialmente ruim, Elpiates se deixa corromper por Xerxes. Ao contrário de Leônidas, que não o trata mal, mas nega seu pedido de fazer parte das tropas espartanas, Xerxes realiza as vontades de Elpiates. Ele lhe dá mulheres, riquezas e o que o espartano defeituoso mais deseja: um uniforme militar. Xerxes, entretanto, não o faz por bondade, mas como mais uma maneira de exercer seu poder: “O cruel Leônidas exigiu que você se levantasse. Eu ordeno apenas que você se ajoelhe” (MILLER, 2007).

Beleza e feiura também entram em contraste ao compararmos as tropas presentes na Batalha das Termópilas. Os espartanos, a exemplo de seu rei, possuem corpos atléticos, com músculos aparentes e uma roupa minimalista que lhes permite exibir toda a beleza de seu físico. Já as tropas de Xerxes são compostas por milhares de homens vestidos das mais diversas formas: chapéus, máscaras e correntes fazem parte da indumentária dos guerreiros que defendem o lado persa. Além dos exageros presentes nas roupas, rinocerontes, elefantes e até mesmo seres bestiais engrossam a multidão de criaturas designadas para atacar os gregos, como lembra o narrador da história na Graphic Novel *Os 300 de Esparta*, em trecho que é reproduzido na adaptação cinematográfica: “Ele nos envia monstros da outra metade do mundo. São feras estúpidas e desajeitadas” (MILLER, 2007).



Imagem 8. O contraste entre as tropas persa e grega.

A distinção entre o comedido e o desmedido não se mostra apenas no físico. Aspectos comportamentais também endossam a diferença existente entre os dois lados da Batalha das Termópilas. Enquanto, ao longo de toda a narrativa, os persas se mostram desajeitados, sem saber como atacar e correm para cima e para baixo pelo campo de batalha, os gregos mostram-se muito bem treinados. Com seus escudos e suas lanças formam uma barreira quase impenetrável.

O comportamento dos reis corrobora o contraste entre esses dois opostos. Xerxes, que se enxerga como um deus, desespera-se ao perceber que, apesar da diferença numérica, os gregos estão com van-

tagem. Ele grita, tenta fazer acordos e, em um erro de estratégia, envia os imortais, os melhores homens de sua tropa, logo no começo da batalha. Leônidas, ao contrário, mantém o controle. Na despedida de sua esposa, nos momentos de vitória e mesmo quando o fim da batalha se aproxima, Leônidas não se deixa arrebatado por emoções. A cena em que navios persas naufragam em meio a uma forte chuva ressalta tal ideia: “Risos, canções e orações para os deuses que vão continuar até o alvorecer do dia seguinte. Apenas um entre nós mantém sua discricção espartana. Apenas ele. Apenas o rei” (MILLER, 2007).

As relações amorosas e sexuais também encarnam distinções. Cenas com essa temática não são muito comuns no filme, mas, quando aparecem, as diferenças são gritantes. A cena de sexo entre o rei Leônidas e a rainha Gorgo, antes da partida do rei para a guerra, é repleta de carinho e companheirismo. Apesar de os espartanos serem treinados para não expressarem os sentimentos, a cena é construída para mostrar o afeto entre ambos, mesmo que não haja declarações. O sexo está atrelado ao amor.

Xerxes, por sua vez, possui um harém. Apesar de não haver cenas dele se relacionando diretamente com mulheres, o ambiente sugere excessos. Música alta, várias pessoas nuas, adornadas dançando e se beijando, muita comida e bebida. É essa, inclusive, uma das coisas ofertadas a Elpiates para que ele traia os espartanos. O sexo está atrelado à luxúria.

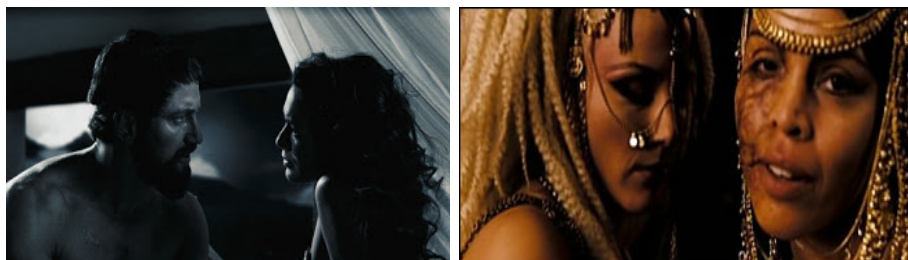


Imagem 9. O apolíneo e o dionisíaco nas relações eróticas do filme 300

É importante ressaltar que, apesar de o filme ser bastante fiel à história de Frank Miller, a cena de amor entre Gorgo e Leônidas não existe na obra original, tendo sido acrescentada na adaptação cinematográfica, assim como o resto da trama que envolve a rainha. No filme, durante o período em que Leônidas está nas Termópilas, Gorgo fica em Esparta tentando negociar com os parlamentares para que enviem um contingente maior de homens para a guerra. A introdução desse enredo, além de tornar o filme mais dinâmico, provavelmente se deu para agradar e representar o público feminino.

E a beleza acompanha os espartanos até na hora de morrer. Apesar de não saírem vencedores, a morte dos espartanos é uma morte digna. Eles não fogem, não recuam, lutam até o fim e encontram o que buscam ao longo de toda a narrativa: honra e glória. É esse espírito corajoso que traz beleza à morte espartana.

Com a emergência do conceito da “beleza da guerra”, a fixação de padrões estéticos passa a ter enraizamentos no que ela exige: espírito destemido, habilidade, força e poder; sendo que a conquista dela decorrente representa a soma de todas as virtudes. Isso faz a vitória revestir-se de um significado grandioso e afirmativo, ao qual se agrega o conceito de belo (GUIMARÃES, 2007, p. 3).

A vitória de Xerxes, por sua vez, é incompleta. Lêonidas, pouco antes de morrer, o atinge com sua lança. Xerxes, um rei que se acha um deus, é ferido. Além disso, a vitória persa só ocorre devido à traição de Elpiates, o que ressalta a inferioridade do império do Oriente.

A beleza da morte de Leônidas também ecoa nas palavras de sua esposa, presentes no filme e nos quadrinhos: “Volte com seu escudo... Ou sobre ele” (MILLER, 2007). E assim, como um mártir que morre por seu povo, pela lei, pela razão, pela liberdade e por sua rainha, Leônidas abre os braços e se prepara para a maior honra que um guerreiro pode ter: a morte em campo de batalha.



Imagem 10. Leônidas em cena que antecede sua morte: o fim de um espartano em campo de batalha é sinônimo de honra e glória.

Sua força e sua coragem são tamanhas que nenhum guerreiro persa, em combate corpo a corpo, seria capaz de derrotá-lo. Leônidas não morre pelas mãos de um homem, mas pelas flechas de um império, que encobrem o sol. Tudo isso mostra o quanto a questão imagética e visual é explorada em *300* e como ela vem carregada de simbolismos que podem acabar passando despercebidos pelo espectador.

300 é uma obra cinematográfica que se sustenta na imagem dos espartanos atléticos e dos persas deformados. Há nesse filme um apelo imagético muito forte. As cenas utilizando a técnica de *slow-motion*, valorizando o movimento da batalha, e o filtro usado para deixar o ambiente com o aspecto semelhante ao dos quadrinhos, são algumas das estratégias cinematográficas para destacar o corpo espartano, símbolo de perfeição guerreira que deixou marcas na história da humanidade. Exaltar a força, formar corpos perfeitos, destruir e difamar o que é feio: no cinema, ao menos, isso é Esparta (CASTRO *et al*, 2011, p. 9-10).

Nem só de dicotomias vive o homem

Apesar de as narrativas do filme e da *Graphic Novel* que contam a história da Batalha das Termópilas se basearem em imagens anta-

gônicas de gregos e persas, com os primeiros representando os ideais de liberdade, razão e beleza e os segundos incorporando o mundo da escravidão, dos excessos e do feio, a realidade não era bem essa.

Um dos primeiros pontos a se refutar é o de que, na Grécia, tudo girava em torno da beleza e da proporcionalidade. De acordo com Aristóteles, por exemplo, em sua obra *Poética*, era possível representar belamente coisas feias, mostrando que não há um limite definido entre feio e belo. Platão, em *República*, apesar de relacionar harmonia e bondade de espírito, também fala a respeito da dificuldade de se definir beleza e feiura: “Homem, ignoras o quanto são justas as palavras de Heráclito, quando diz que o mais belo dos símios é feio comparado ao gênero humano e a mais bela panela é feia comparada ao gênero feminino [...]” (PLATÃO *apud* ECO, 2007, p. 33), ou seja, para ele, os dois conceitos eram relativos.

A mitologia grega também destacava que a divisão entre belo e feio não é totalmente nítida. Os deuses, em geral representados em pinturas e estátuas como belos, eram capazes de cometer atos imperfeitos e que, algumas vezes, beiravam o horrendo. Além disso, seres mitológicos de aparência nada agradável, a exemplo da Medusa e do Minotauro, faziam parte do imaginário grego. Qualquer semelhança com as feras desajeitadas vindas da Ásia seria mera coincidência?

Outro ponto que quando analisado mais detidamente deixa de fazer sentido é o dos excessos ligados à vida sexual somente dos persas. Ao contrário do exposto no filme, os gregos também participavam de festas regadas a música, bebida e sexo. A prostituição não era clandestina e cenas que mostram prostitutas e seus clientes foram retratadas em vasos gregos que chegaram até nós em bom estado de conservação.



Imagem 11. Tocadora de flauta e participante de um banquete: tal tipo de divertimento era comum na Grécia Antiga.



Imagem 12. Cliente entregando dinheiro a uma prostituta: a prática não era proibida na Antiguidade.

Além disso, as danças eróticas também estavam presentes na Grécia Antiga:

Na Grécia Clássica as mulheres dançavam por dinheiro. Talvez sofrendo a influência do Oriente, onde a dança teve um papel de relevo, as mulheres gregas dançavam nas festas, nos bordéis, nas homenagens às divindades, mas sempre alguém lhes pagava. Estas

danças eram sempre eróticas. O movimento dos quadris, a simulação de cópula, é que dava o tom (BRAGA; LINS, 2005, p. 354).

Ou seja, apolíneo e dionisíaco andavam de mãos dadas na Antiguidade grega. O amor de um homem grego também não era dedicado única e exclusivamente a sua esposa, como relata o filme. As relações homoeróticas, incluindo a pederastia, eram naturais e a mulher, muitas vezes, exercia um papel não tão importante na vida de seu esposo.



Imagem 13. Homem adulto oferecendo presente a jovem: cena com conotação pederástica.

Por último, cabe ressaltar que, apesar de estarem cientes de suas singularidades enquanto distintos povos, os gregos não representavam os persas como mais feios, inferiores ou deformados. Eram representados de forma diferente dos gregos porque seus artefatos, suas roupas, seus penteados, seus costumes eram, de fato, diferentes. A estereotipização do oriental parece ser uma criação relativamente recente e que serve muito mais para difundir preconceitos do que como meio de se retratar o passado.

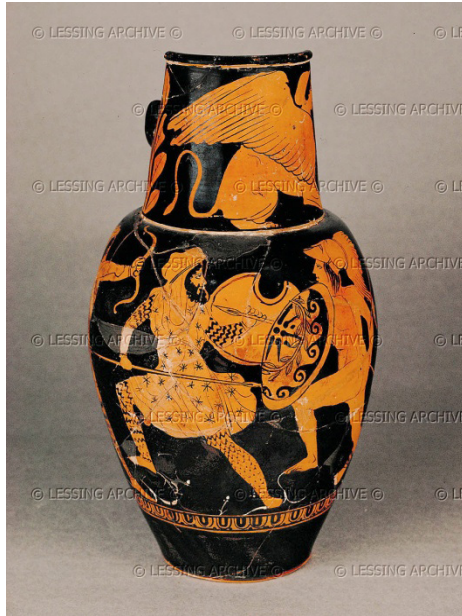


Imagem 14. Grego e persa em pintura: o inimigo não é assim tão diferente.

Considerações finais

Segundo Eisner,

Nos quadrinhos, os estereótipos são desenhados a partir de características físicas comumente aceitas e associadas a uma ocupação. Eles se tornam ícones e são usados como parte da linguagem narrativa gráfica. Nos filmes tem-se muito tempo para desenvolver um personagem dentro de uma ocupação. Nos quadrinhos, temos pouco tempo ou espaço. A imagem ou caricatura tem de defini-la instantaneamente. Por exemplo, ao criar o protótipo de um médico, é bastante útil adotar um conjunto de características que o leitor irá aceitar. Normalmente, essa imagem é desenhada tanto a partir da experiência social quanto da forma como o leitor acha que um médico deveria se parecer (EISNER *apud* CASTRO *et al*, 2011, p. 6).

Parece ter sido esse o caminho trilhado por Miller e, por tentar ser fiel aos quadrinhos, também por Snyder. Tal opção, apesar de ser justificável em termos da linguagem usada nas HQs, ao ser transposta

para o cinema se torna bastante perigosa, especialmente devido ao alcance que esse meio de comunicação possui. Somente no Brasil, estima-se que 300 tenha sido assistido por mais 2,5 milhões de pessoas durante o período em que esteve em cartaz. Muitas pessoas, que jamais teriam acesso à obra de Miller e à releitura do passado que ela propõe, passaram a conhecer essa versão da história. E o que é pior: acreditar nela.

O cinema pode funcionar, em alguns casos, como extensão do cérebro humano, formando conceitos assimilados pelos espectadores e tomados como verdadeiros, já que o público nem sempre tem informações suficientes que o levem a problematizar e refutar as informações que lhe chegam por meio dos olhos.

Assim, diretores e produtores de cinema deveriam ser mais cautelosos antes de propagar certas ideias controvertidas, pois qualquer coisa vista por uma multidão pode causar um impacto inimaginável. Infelizmente, talvez a indústria cinematográfica conheça seu poder e, por isso mesmo, o use para difundir certos conceitos, como mencionado por Azevedo e Mota:

Este recuo a temas da Antiguidade, agora realizado pela indústria cinematográfica, talvez se explique pela própria carência de sentido que aflige nossa sociedade pós-moderna e globalizada; uma necessidade do Ocidente reencontrar suas bases formadoras, mesmo que isto se faça por meio da ‘fabrica de sonhos’. Se acreditamos nisto, por outro lado, podemos captar na mensagem cenográfica um esforço delimitador de fronteiras (culturais) entre mundo ocidental, civilizado cuja ‘referência’ hoje são Estados Unidos e o universo oriental, místico representado atualmente pelo Islã (AZEVEDO; MOTA, 2008, p. 4).

É necessário, pois, olhar o cinema de forma crítica, sem assimilar como verdades absolutas as mensagens que nos são passadas por meio de uma tela enorme em uma sala escura. Questionar: deve ser

esse o papel do pesquisador e também do espectador. Apenas assim será possível perceber que o estranho, nem sempre, são os outros.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; MOTA, Thiago Eustáquio de Araújo. O encontro do cinema contemporâneo com as Histórias de Heródoto: uma análise do filme “300” de Zack Snyder. *História, imagem e narrativas*, a. 3, n. 6, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br>>. Acesso em: 27 nov. 2012.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1955. Disponível em: <<http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2013.
- BRAGA, Flávio; LINS, Regina Navarro. *Olivro de ouro do sexo*. 2013. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=5n-ZdZXO8zcC&pg=PA354&lpg=PA354&dq=sexo+gr%C3%A9cia+LINS+e+BRAGA&source=bl&ots=tc7h4x3ws6&sig=DTeBUZaS3Xql1gonm-gJ2J3g9u4&hl=pt-BR&sa=X&ei=F3aiUbK6M6W-z0QHizoHQDw&ved=0CDAQ6AEwAA#v=onepage&q=sexo%20gr%C3%A9cia%20LINS%20e%20BRAGA&f=false>>. Acesso em: 21 maio 2013, p. 352-355.
- CASTRO, Fernando et al. *300 corpos: a representação da imagem do corpo grego na história em quadrinhos e na obra cinematográfica “300”*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 13. Maceió, AL, 15-17 jun. 2011. Anais... Maceió: Intercom, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0021-1.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2012.
- DAWN of the Dead. Direção: Zack Snyder. Intérpretes: Sarah Polley, Ving Rhames, Jake Weber, Mekhi Phifer. Roteiro: James Gunn. Estados Unidos: Strike Entertainment, Universal Pictures, 2004. 1 filme. color. 100 min.
- ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ECO, Umberto. *História da feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ÉSQUILO. *Os persas*. 2013. Disponível em: <<http://estudando.weebly.com/uploads/5/2/3/8/5238344/os-persas.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2013.
- FERNANDES, Edrisi. *Origens orientais da cultura clássica*. São Paulo: Devir, 2012. Disponível em: <<http://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/11/origens-orientais-da-cultura-clc3a1ssica.pdf>>. Acesso em: 18 maio de 2013.
- GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *Astúcias da mimese em Os 300 de Esparta: a dimensão estética na GN e nos cartazes do filme*. 2012. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/183/307>. Acesso em: 29 nov. 2012.

- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 315-377.
- HERÓDOTO. *História*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985. p. 339-407.
- MONIWA, Daniela. *A ideologia por trás do filme 300*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAACfoAB/a-ideologia-por-tras-filme-300>>. Acesso em: 14 abr. 2013.
300. Direção: Zack Snyder. Produção: Mark Canton, Bernie Goldmann, Gianni Nunnari, Jeffrey Silver. Intérpretes: Gerard Butler, Lena Headey, David Wenham, Dominic West, Vincent Regan, Rodrigo Santoro, Michael Fassbender e outros. Roteiro: Zack Snyder, Kurt Johnstad, Michael B. Gordon. Estados Unidos: Legendary Pictures Virtual Studios, Warner Bros. Pictures, 2006. 1 filme. color. 117 min. Disponível em: <<http://projeto300.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 maio 2013>.
- Os 300 de Esparta. Direção: Rudolph Maté. Intérpretes: Anna Raftopoulou, Anne Wakefield, Barry Coe, Charles Fawcett, David Farrar e outros. Roteiro: Geoffrey Unsworth, George St. George, Gian Paolo Callegari, Ginette Devaud, Giovanni d'Eramo, Remigio Del Grosso, Ugo Liberatore. [S.l.]: Termopila, 1962. 1 filme. color. 114 min. Disponível em: <<http://filmow.com/os-300-de-esparta-t1668/>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- WATCHMEN. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon, Lloyd Levin, Deborah Snyder. Intérpretes: Patrick Wilson, Jackie Earle Haley, Billy Crudup, Jeffrey Dean Morgan, Malin Åkerman, Matthew Goode. Roteiro: Roberto Orci, Alex Kurtzman, Alex Tse, David Hayter. Estados Unidos: Legendary Pictures, DC Comics, Cruel and Unusual Films, Lawrence Gordon Productions, Warner Bros. Pictures, Paramount Pictures, 2009. color. 1 filme. 162 min. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Watchmen_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Watchmen_(filme))>.
- WERNER, Christian. Introdução. In: WERNER, Christian. *Duas tragédias gregas: Hécula e Troianas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WIKIPÉDIA. *Dawn of the dead*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Dawn_of_the_Dead_\(2004\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dawn_of_the_Dead_(2004))>. Acesso em: 26 maio 2013.
- WIKIPÉDIA. *Prostituição na Grécia Antiga*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_na_Gr%C3%A9cia_Antiga>. Acesso em: 20 maio 2013.